

Política deve ser sinónimo de verdade

A pretexto do seu mais recente livro "Outubro", cuja versão inicial foi publicada na Internet, o historiador Rui Bebiano fala do passado e do presente do comunismo e comenta o distanciamento que existe entre a classe política e a sociedade. Para o professor e ensaísta, este divórcio traduz-se em alheamento e num "profundo desprezo pelos políticos profissionais". "Certo tipo de mecanismos tornaram a política cada vez menos transparente" e "pouco honesta", observa Rui Bebiano. Recusando ser "anti-sistema", o investigador defende que os "partidos são fundamentais", mas também reconhece que "uma das formas de mobilizar os cidadãos é fazer com que política seja sinónimo de verdade".

BENEDITA OLIVEIRA

Campeão das Províncias (CP) – O livro "Outubro", sobre a Revolução Bolchevique, representa uma nova área de interesse?

Rui Bebiano (RB) – Trabalhei como historiador do Barroco e depois em áreas ligadas à História Militar até à conclusão da minha tese de doutoramento, em 1997. A partir daí passei a trabalhar em História Contemporânea, que já me interessava bastante e onde tinha vontade de desenvolver trabalho de investigação. Neste momento, investigo e ensino a História do século XX a partir da Segunda Guerra Mundial, sobretudo na perspectiva da História Cultural e Política. Trabalho também sobre a His-

“ [A Revolução Bolchevique inaugurou] uma era de esperança e proposta de um mundo que se pretendia, pelo menos do ponto de vista ideal, mais justo e igualitário ”

tória do Tempo Presente.

Ao contrário da maior parte da História que vai atrás para depois ir no sentido do passado até ao presente, a História do Tempo Presente faz um processo ao contrário: parte das preocupações e dos problemas da actualidade para tentar recuar um pouco no tempo para os compreender e depois volta à frente. Por exemplo, agora está-se a discutir o Muro de Berlim a propósito dos 20 anos da sua queda. É completamente impossível discutir de forma completa o significado da queda do Muro de Berlim sem se tentar compreender do ponto de vista histórico o processo que começa naturalmente com a construção do muro em 1961, no contexto da Guerra Fria, depois há 1989 e a actualidade.

Tenho este interesse pela História Contemporânea como historiador mas também como cidadão. O que tenho tentado fazer sempre que posso é articular os dois aspectos. A vertente do historiador que tem uma dimensão científica, métodos rigorosos, mas também a vertente do cidadão que, esse sim, já pode e deve ter uma opinião. Neste segundo campo tenho-me servido bastante de um instrumento cada vez mais importante que são os blogs.

CP – Este livro nasceu precisamente num blogue...

RB – Exactamente. Tenho aproveitado um blogue pessoal (aterceiranoite.org) precisamente para tentar em alguns momentos escrever textos onde essa tal aproximação entre o historiador e o cidadão seja

possível (nem sempre é possível fazer isso num texto académico ou num texto de opinião de um jornal impresso). É um espaço muito livre, onde o próprio género que nós praticamos é mais maleável. Foi nesse contexto que em 2007 (na altura comemoravam-se os 90 anos da Revolução Soviética que estavam a ser muito debatidos) comecei a escrever um conjunto de textos que tinham como objectivo fazer uma leitura contemporânea, na perspectiva simultânea do historiador e do cidadão, com investigação mas também opinião (tem portanto mais o carácter de ensaio), sobre a Revolução Soviética em si e posteriores implicações, desde o tempo em que ela foi vivida até à actualidade. Na altura, não tinha intenção alguma de os publicar. São por isso textos muito livres. Quando cheguei ao final, apercebi-me que os textos tinham uma certa coerência e que talvez fosse interessante publicá-los como um todo. Limitei-me a apurar a escrita e a fazer uma pequena revisão dos textos.

CP – A ideia que está implícita é desmitificar alguns dogmas da Revolução de Outubro?

RB – Sim. Acho que a questão do "mito" é muito importante. Foi aliás o historiador francês Marc Ferro quem o afirmou primeiro. A segunda revolução russa de 1917, também conhecida por Revolução Bolchevique, que levou ao poder a minoria bolchevique daquele que seria depois o Partido Comunista da União Soviética, inaugurou uma nova era e aqueles que a fizeram tiveram a consciência disso. Uma era de esperança e proposta de um mundo que se pretendia, pelo menos do ponto de vista ideal, mais justo e igualitário. Esta é uma ideia fundamental assim como a de o



A último livro do historiador Rui Bebiano foi publicado inicialmente no blogue "A Terceira Noite"

construir a partir de um acto revolucionário, feito de forma violenta. A ideia de que é necessário um acto de violência para apagar o mundo anterior e iniciar a construção de um mundo novo, não só condicionou depois toda a História posterior da União Soviética (que evidentemente não se pode definir de uma forma simplista como um trajecto único), como toda ela ficou sempre marcada por essa imagem. Tudo era pensado, desde a organização da vida do cidadão à cultura, com o objectivo de construir de maneira radical esse mundo novo. Um capítulo deste livro, sobre os intelectuais, cita uma expressão de Estaline que se lhes referia como "os engenheiros das almas", aqueles que moldavam as consciências de acordo com os valores da revolução.

Outras experiências revolucionárias que decorreram ao longo do século XX (como a Revolução Chinesa, os novos países socialistas que apareceram na Europa depois da II Guerra Mundial, a própria revolução cubana, embo-

“ A abordagem que faço é uma tentativa de compreensão e de crítica daquilo que me parece ser a perversão do ideal comunista ”

ra tenha características especiais) ficaram, desde logo, tributárias da ideia de que para se fazer uma viragem na História é necessário um acto revolucionário violento. Há a ideia de que não é possível fazer uma revolução, mantê-la e levá-la às últimas consequências se não se exercer um processo de luta. Tem uma dimensão de violência muito grande dentro de si.

CP – Em termos de teoria de violência, o Partido Comunista Português já não pugna por essas ideias...

RB – Naturalmente, a maior parte dos partidos comunistas não defende

isso e o PCP não defende isso expressamente. Mas todos os anos em Outubro, quando se comemora mais um aniversário, (basta ir ver o editorial do Avante, que está disponível na Internet), ocorre um elogio rasgado da Revolução de Outubro. Onde nada do episódio e do seu trajecto é objecto de crítica e onde o simples facto de esse acto de violência ser mitificado como um exemplo histórico determinante implica obrigatoriamente, na minha leitura, uma aceitação da teoria da violência como inevitável. Aliás, foi em nome dessa

“ Em muitos órgãos da Administração Pública raramente são os melhores que estão a dirigir ”

“ [Uma nova era] é uma ideia fundamental assim como a de o construir a partir de um acto revolucionário, feito de forma violenta ”

teoria da violência que depois se construiu toda uma lógica (falo disso no livro) de instrumentalização da mesma como factor de exercício do próprio poder do Estado soviético, e dentro das outras experiências do chamado Socialismo Real, justamente porque se considera que, mesmo estando já instituídos os regimes, estes estão sempre a ser atacados por inimigos internos e externos, pelo que devem-se manter permanentemente vigilantes e activos na repressão desses inimigos.

Aquilo a que chamamos de Gulag — o sistema de campos de concentração soviéticos com os seus milhões de vítimas — é uma consumação do carácter violento que a revolução teve no início. O poder foi obtido através da violência (teve de derrotar do ponto de vista militar o regime ao qual sucedeu) e mantido através dessa mesma violência, combatendo internamente os seus inimigos através da repressão política, da prisão, do exílio. Não podemos compreender o que aconteceu, pelo menos entre 1917 e a morte de Estaline em 1953, sem fazermos a ligação entre um aspecto e o outro.

CP — Acha que este é um período ainda mal estudado?

RB — Hoje há muito material publicado (inclusive em Portugal até devido às comemorações da queda do muro de Berlim), mas tende-se a situar a história do comunismo do século XX, e é com isso que sinceramente não concordo, como algo que se

“A “tradição de Revolução de Outubro negou: a possibilidade de esta modificação ser feita por via pacífica e a necessidade de preservação da liberdade de opinião”

separa em momentos e experiências completamente diferenciadas. O que tento dizer neste registo ensaístico é que, na minha leitura, existindo naturalmente experiências diferentes e territórios onde as coisas aconteceram de forma distinta, existe sobretudo algo de comum que une todas essas experiências e lhes dá um sentido. Penso que isto deve ser estudado como um todo e também considero que alguns dos desvios que, no fundo, levaram à sua queda e à crítica que hoje lhe é feita em várias áreas precisam da tal fundamentação histórica. Penso que não é possível criticarmos de forma completa, por exemplo, o regime norte-coreano, se não virmos que, independentemente das suas circunstâncias serem muito próprias, existe por detrás, como forma de legitimar a realidade histórica da actual Coreia do Norte, experiências, ideias, práticas que tiveram a sua origem na Revolução Soviética.

CP — Acha que com o actual contexto mundial há maior risco de vermos emergir novas experiências comunistas?

RB — A abordagem que faço ao trajecto da experiência comunista no século XX não é uma experiência de desvalorização do ideal comunista. É uma tentativa de compreensão e de

crítica daquilo que me parece ser a perversão do ideal comunista. Para mim existe uma dimensão extremamente positiva que tem a ver com a tal noção de que é possível um mundo mais justo, igualitário, onde as necessidades das pessoas e a possibilidade de lhes dar resposta seja organizada de uma forma mais solidária e equilibrada. Apenas acrescentaria a este ideal, dois aspectos que acho imprescindíveis e que a tradição de Revolução de Outubro negou: a possibilidade de esta modificação ser feita por via pacífica e a necessidade de preservação da liberdade de opinião.

Não somos adivinhos para saber como a História se encaminha, mas a repetição tal e qual das experiências anteriores é impossível. Não sei se algumas tendências do mundo actual, nomeadamente na América Latina, apontam nesse sentido. Tenho muita dificuldade em encarar o Chavismo, na Venezuela, por exemplo, como uma revolução que tenha como instrumento inspirador a ideologia comunista. Hugo Chavez é um militar populista como existiram outros na América Latina, com a diferença que o populismo chavista incorporou no seu discurso simbólico alguns princípios que são retirados da experiência comunista do século XX.

CP — O afastamento que existe entre classe política e cidadãos no país não poderá favorecer o aparecimento de um regime totalitário?

RB — Não acredito. O divórcio é evidente, mas esse problema não é especificamente português. Não

parece que existam, apesar de tudo, contradições sociais suficientemente fortes para que partidos extremistas ganhem um poder tal que se assumam como uma alternativa. Não vejo que as pessoas sintam que têm alguma coisa a ganhar com uma situação política completamente instável e imprevisível como essa. Acho que o descontentamento das pessoas se traduz mais num certo alheamento, que passa pela abstenção nas eleições e pelo facto existir, em termos de opinião pública, uma larga maioria que sente um profundo desprezo pelos políticos profissionais, quando a política devia ser e é na essência uma tarefa nobre. No fundo, ser-se político é dedicar-se à causa pública e é algo que implica incomodidade, exposição, uma vida dedicada ao que deveria ser, em princípio, um trabalho respeitado.

Certo tipo de mecanismos tomaram a política cada vez menos transparente. Há uma certa ausência de afirmação de princípios e falta de adequação da prática política nos períodos que medeiam entre as eleições àquilo que os partidos propuserem quando concorreram às eleições. Essa inadequação tem levado a um crescente divórcio entre a maioria dos cidadãos e os chamados políticos profissionais. E não falo apenas do cidadão comum. Neste momento, encontramos em todas as áreas profissionais pessoas de muito valor que se alhearam da política justamente porque não sentiram a sua capacidade de intervenção política adequada à forma pouco transparente e pouco honesta (no sentido de adequar aquilo que se diz que se vai fazer e aquilo que depois realmente se faz no plano da prática política diária). Muitas pessoas não só não se sentem motivadas a intervir no plano político, como, pelo contrário, até sentem um certo menosprezo por essa actividade. E falo de quadros que poderiam, e até

“A política devia ser e é na essência uma tarefa nobre”

deveriam, ter um papel importante na política activa. Em muitos órgãos da Administração Pública raramente são os melhores que estão a dirigir, porque os melhores não se sentem motivados para isso.

Não sou “anti-sistema”. Não defendo que os partidos deixem de existir. Acredito que os partidos são fundamentais e que também o PCP é absolutamente essencial para a construção da nossa democracia. Devia reflectir sobre o mundo actual e adaptar-se à nova realidade, e aí crítico-o, mas é tão imprescindível como o PS, PSD, CDS, BE ou mesmo os pequenos partidos. Mas isso não implica que não sinta, como muitos cidadãos, a necessidade dos partidos repensarem a sua própria organização e a forma de fazerem política. Penso que uma das formas de mobilizar os cidadãos é fazer com que política seja sinónimo de verdade. Se política e verda-

de forem sinónimo é natural que exista um número muito maior de pessoas comuns que se sintam motivadas, se não para a militância partidária, pelo menos para a alinhar em processos de transformação que são protagonizados pelos partidos políticos. Agora, se as pessoas sentem que política é sinónimo de mentira, corrupção ou de práticas pouco transparentes em termos de condução dos negócios políticos, a atitude normal é o afastamento. Depois é a história do ovo e da galinha, porque os próprios partidos começam a ficar enquistados no seu pequeno casulo. Perdem o contacto com a sociedade. Dentro dos próprios partidos há até um número enorme de militantes, que eventualmente até paga as quotas, que não milita e isso não acontece apenas porque não tem tempo. É porque não se sente motivado.

E AINDA

[Quais as melhores recordações da infância?] “O calor intenso das tardes de Verão e o cheiro a lenha queimada no Inverno. Nunca mais foram os mesmos.”

“Leio de tudo. Principalmente ensaio (uma parte por prazer, algum por dever). Mas prefiro ficção, que me desafia sempre mais. Como toda a gente, ando às voltas com o Roberto Bolaño.”

“Já vi e revi: Pierrot le fou, de Jean-Luc Godard. Um filme de 1965 com o Jean-Paul Belmondo e a Anna Karina. Não me perguntem porquê que eu não respondo.”

“Vejo pouca [televisão] porque me provoca quase sempre sono. Só me mantém acordado os noticiários que vejo por cabo, os jogos de futebol da selecção e algumas séries da RTP-Memória.”

[Vícios] A leitura e a música, sempre. O cinema sempre que posso. Viajar quando me deixam. Fumo pouco e já bebi mais.”

“Pratico regularmente o pecado do orgulho, mas reconheço-o rapidamente e depois tento emendar a mão. Por vezes já não vou a tempo.”

“Desde que comprei um iPhone estou em linha desde que não esteja a dormir. Ou então quando não desligo a máquina, o que faço muitas vezes.”

“Como nunca estou sempre a trabalhar nem sempre em descanso, o tempo passa por si. E muito rapidamente, sem eu dar por ele.”

[Sonhos por concretizar?] Claro que sim. Dois ou três íntimos (talvez morram comigo) e mais alguns colectivos (passarão sempre para os outros).”

PERFIL

Historiador bloguista

Natural de Castanheira de Pera, Rui Bebian é professor de História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais.

Colaborador regular de diversas publicações periódicas, o historiador foi um dos primeiros exploradores das possibilidades comunicativas do cibe-

respaço, criando publicações como “NON! — Cultura e Intervenção” (1996-2003), além dos blogs “Sous les pavés, la plage!”, “A Estrada e Passado/ Presente”, e mais recentemente “A Terceira Noite”, onde o recém-editado “Outubro” foi inicialmente publicado. A sua última obra é editada pela Angelus Novus.